



HAGIOGRAFIA MEDIEVAL: PROPOSTAS PARA ESTUDOS EM PERSPECTIVA COMPARADA

Andréia Cristina Lopes Frazão da Silva*
Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ
andreafracao_ufrj@pq.cnpq.br

RESUMO: Neste artigo, partindo de minha experiência na coordenação do projeto coletivo **Hagiografia e História: um estudo comparativo da santidade** e da apresentação dos resultados parciais desta pesquisa, proponho algumas possibilidades de estudos comparativos. Iniciando pela comparação clássica, apresento sugestões de uso de diferentes modalidades metodológicas comparativas, que podem ser aplicadas ao estudo de distintos objetos e com *corpus* documental variado.

PALAVRAS-CHAVE: Hagiografia – Comparação – Península Ibérica – Idade Média

MEDIEVAL HAGIOGRAPHY: PROPOSALS FOR STUDIES IN COMPARATIVE PERSPECTIVE

ABSTRACT: In this article, starting from my own experience in coordinating the collective project **Hagiografia e História: um estudo comparativo da santidade** (Hagiography and History: a comparative study of the holiness) and the presentation of preliminary results of this research, I propose some possibilities for comparative studies. Starting by the classical comparison, I present suggestions for using different comparative methodologies that can be applied to the study of distinct objects and with varied documentary corpus.

KEYWORDS: Hagiography – Comparison – Iberian Peninsula – Middle Ages

Tenho me dedicado ao estudo da hagiografia medieval desde que realizei a minha pesquisa de mestrado, finalizada em 1990, e atuo no Programa de Pós-graduação em História Comparada da UFRJ a partir de sua fundação, ocorrida em 2002. Assim, nos últimos anos, tenho realizado reflexões sistemáticas em dois campos: hagiografia e história comparada. Neste artigo, partindo de minha experiência na coordenação do

* Professora Associada IV do Instituto de História da Universidade Federal do Rio de Janeiro, atuando no Programa de Pós Graduação em História Comparada.

projeto coletivo **Hagiografia e História: um estudo comparativo da santidade** e da apresentação dos resultados parciais desta pesquisa, proponho algumas possibilidades de estudo articulando os dois campos indicados.

Desta forma, dividi o trabalho em três partes. Na primeira apresento, em suas linhas gerais, o projeto coletivo. Na segunda, resultados parciais desta pesquisa: o banco de dados sobre a hagiografia ibérica. Na terceira, a partir dos materiais presentes no referido banco de dados e de minha experiência em pesquisa e orientação, apresento sugestões de trabalhos em perspectiva comparada.

O PROJETO COLETIVO HAGIOGRAFIA E HISTÓRIA: UM ESTUDO COMPARATIVO DA SANTIDADE

Partindo de uma definição *lato* de hagiografia, como o estudo crítico dos diferentes aspectos ligados ao culto dos considerados dignos de alguma veneração, o que inclui os textos que têm como temática central os chamados santos, elaborei e coordeno, desde 2000, o já mencionado projeto coletivo **Hagiografia e História: um estudo comparativo da santidade**. Esta investigação é desenvolvida no Instituto de História da UFRJ, no âmbito do Programa de Estudos Medievais, Laboratório de Pesquisa que reúne alunos e colaboradores externos,¹ e vinculada ao citado Programa de Pós-graduação em História Comparada.² A investigação recebe financiamentos, por meio de bolsas de pesquisa e auxílios, do CNPq,³ da Faperj⁴ e da UFRJ.⁵

A temática central do projeto é o fenômeno⁶ da santidade. Para tanto, optou-se por analisar a trajetória de homens e mulheres que nasceram e/ou atuaram nas penínsulas ibérica e itálica nos séculos XI ao XIII, sobre os quais há testemunhos de que receberam culto, e as obras hagiográficas produzidas neste mesmo recorte espaço-temporal. Vários aspectos poderiam ser analisados a partir do estudo destes objetos de

¹ Sobre o Programa de Estudos Medievais (PEM) da UFRJ ver <www.pem.historia.ufrj.br>.

² Sobre o Programa de Pós-graduação em História Comparada da UFRJ ver <www.hcomparada.historia.ufrj.br/>

³ O CNPq financia atualmente o projeto com bolsas de IC e PQ e já concedeu auxílios de pesquisa.

⁴ A Faperj financiou o projeto por meio de bolsas IC e auxílios, como o APQ3 e o APQ5, ou a partir da concorrência em editais específicos, como *Primeiros Projetos*, que ganhei em 2004.

⁵ Além de bolsas PIBIC, o projeto contou durante alguns anos com bolsistas do extinto Programa Profag da UFRJ.

⁶ O termo fenômeno é utilizado neste artigo com o sentido de evento sócio-histórico, que pode ser compreendido por meio de teorias, métodos e técnicas de pesquisa.

pesquisa, contudo, alguns eixos de análise foram previamente selecionados: a relação entre o culto aos santos, a produção hagiográfica e a Igreja Romana; as confluências e conflitos entre as práticas e as crenças da religiosidade face às oficiais no tocante a veneração de determinadas personagens; as articulações entre a espiritualidade leiga, o culto aos santos e a produção hagiográfica; a presença, nos textos hagiográficos e nos diversos outros aspectos ligados ao culto de pessoas consideradas dignas de veneração, de discursos de gênero; os centros de ensino e produção das hagiografias, e o caráter didático e propagandista das hagiografias. Esses eixos foram construídos a partir de estudos historiográficos sobre aspectos do período que se convencionou denominar como Idade Média Central, ou seja, séculos XI ao XIII.

Segundo alguns historiadores, durante os séculos centrais do medievo, a Igreja Romana, sob a liderança do Papado, organizou-se institucionalmente, buscando redimensionar sua política face às transformações em processo no Ocidente. Assim, o papado lutou contra a ingerência do poder secular em questões eclesiásticas; buscou instituir uma unidade litúrgica, disciplinar e hierárquica no seio da Igreja cristã sob a autoridade do Pontífice Romano, e estimulou a ação pastoral junto à sociedade, voltando-se para o combate de todos os grupos que considerava como desviantes, tanto em termos doutrinários como disciplinares.⁷

Foram muitas as estratégias criadas pela Igreja Romana para instaurar o seu projeto de Igreja universal e de sociedade cristã, como é possível verificar pela leitura dos concílios convocados e dirigidos pelo papa.⁸ Destaco, dentre elas, a normatização do casamento leigo e a imposição do celibato para os clérigos; o envio de legados papais e a divulgação de decretos conciliares nas diversas províncias eclesiásticas; incentivos à educação clerical, como bolsas de estudo e licenças; a difusão da confissão e da comunhão anual e, o que nos interessa especialmente, a organização dos processos de canonização. Como aponta Vauchez, desde fins do século XII, o papado buscou

⁷ Sobre o tema há ampla bibliografia. Ver, dentre outros: RUST, Leandro Duarte; SILVA, Andréia Cristina Lopes Frazão. A Reforma Gregoriana: trajetórias historiográficas de um conceito. **História da historiografia**, Ouro Preto, n. 3, p. 135-152, 2009; SILVA, Andréia Cristina Lopes Frazão da. A luta entre o *regnum et imperium* e a construção da *ecclesia universalis*: uma análise comparativa dos concílios. In: SILVA, Francisco Carlos Teixeira da; CABRAL, Ricardo Pereira; MUNHOZ, Sidnei. J. (Orgs.). **Impérios na História**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2009. p. 95-105; PAUL, Jacques. **La Iglesia y La Cultura em Occidente (siglos IX-XII)**. Barcelona: Labor, 1988; e ZENER, Monique. (Org.). **Inventar a heresia?** Campinas: UNICAMP, 2009.

⁸ Ver, por exemplo, os concílios lateranenses: FOREVILLE, Raimunda. (Ed.). **Lateranense I, II, III**. Vitória: ESET, 1972; e _____. **Lateranense IV**. Vitória: ESET, 1973.

controlar o reconhecimento oficial da santidade, instituindo quem poderia ser objeto de veneração universal ou local, utilizando para tanto um instrumento jurídico: os processos de canonização.⁹ Entretanto, a despeito do projeto papal, as crenças e práticas da religiosidade não oficiais persistiram no campo da veneração aos considerados santos, como atestam diversas fontes.

A historiografia também destaca que a partir do século XI, unida às transformações ocorridas nos diversos setores das sociedades ocidentais, desenvolveu-se um novo ideal de vida religiosa, que se inspirava no cristianismo primitivo.¹⁰ As sociedades em mudança apresentavam novas demandas e, portanto, construía ideais de santidade diferentes dos anteriores. Desta forma, valorizavam as demonstrações de piedade leiga, a penitência, a vida comunitária, a pobreza voluntária, a pregação pública, o trabalho assistencial. No compasso destas mudanças, segundo Vauchez, a santificação passou a ser considerada como uma “aventura pessoal”.¹¹

Neste período, ligado aos novos ideais de santidade e às transformações operadas na organização eclesiástica, os autores também destacam o surgimento e organização de novas ordens: canônicas, militares e mendicantes. Tais formas de vida religiosa combinavam a renúncia pessoal a uma maior presença junto aos fiéis por meio da ação pastoral; da assistência aos peregrinos, doentes e pobres; do embate com os muçulmanos ou grupos considerados heréticos, e da pregação.¹²

Outro aspecto explorado pela historiografia foi a crescente participação das mulheres na vida religiosa.¹³ Elas sempre estiveram presentes no cristianismo, de forma ativa, desde a Antiguidade, primeiro como diaconisas e, posteriormente, como eremitas,

⁹ A tese de Vauchez foi publicada originariamente em francês e, posteriormente, traduzida para o inglês e o italiano. VAUCHEZ, André. **La sainteté en Occident aux derniers siècles du Moyen Âge (1198-1431)**. Roma: École française de Rome, 1988.

¹⁰ Sobre o tema ver BOLTON, Brenda. **A Reforma na Idade Média**. Lisboa: Edições 70, 1983.

¹¹ VAUCHEZ, André. O Santo. In: LE GOFF, Jacques. (Org.). **O homem medieval**. Lisboa: Presença, 1989. p. 211-230.

¹² Dentre outros, ver as sínteses de LAWRENCE, Clifford Hugh. **El Monacato Medieval: Formas de Vida Religiosa en Europa Occidental Durante la Edad Media**. Madrid: Gredos, 1999; e _____. **The friars: the impact of the early mendicant movement on Western society**. Londres: Longman, 1994.

¹³ Cf. BARTOLI, Marco. **Clara de Assis**. Petrópolis: Vozes, 1998. p. 91-94; BOLTON, Brenda. **A Reforma na Idade Média**. Lisboa: Edições 70, 1983. p. 93-109; BERESFORD, A. M. *La niña que yazíe en paredes cerrada: the representation of the anchoress in Gonzalo de Berceo's Vida de Santa Oria*. In: DEYERMOND, Alan; WHETNALL, Jane. (Ed.) **Proceedings of the Eleventh Colloquium**. Londres: Department of Hispanic Studies, Queen Mary, University of London, 2002. p. 45-56; e VAUCHEZ, André. **A Espiritualidade na Idade Média Ocidental**. Séculos VIII a XIII. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1995. p. 149-159.

monjas e abadessas. Porém, com a renovação nos padrões de espiritualidade, ampliaram-se as formas possíveis de vida religiosa, bem como o número daquelas que desejavam dedicar-se a Cristo.¹⁴

Esta expansão, contudo, não se desenvolveu de forma autônoma, tornando-se alvo de diversas ações papais, sobretudo a partir do século XII, que visavam dirigir, precisar e regradar as diferentes formas da experiência religiosa das mulheres.¹⁵ Para alguns autores, tais normas articulavam-se à visão hegemônica sobre a diferença sexual no período.

Como demonstrou Carla Casagrande,¹⁶ foi no século XIII que pregadores e moralistas construíram uma visão sistemática sobre a mulher, organizando e consolidando um pensamento que, embora difuso, sempre esteve presente na cultura medieval. Segundo estes teóricos, as mulheres eram “homens imperfeitos”, pois eram dominadas pelos sentimentos; irracionais, instáveis, frágeis e passionais, não tinham capacidade para o cuidado de si, necessitando, portanto, da direção dos homens, na figura de seus pais, irmãos, maridos e/ou confessores.¹⁷

A consolidação de tal discurso sobre a diferença sexual, como sublinha Hervé Martin, relaciona-se à retomada de Aristóteles e ao nascimento das universidades, espaço ocupado essencialmente por homens.¹⁸ Desde o século XII, como aponta a historiografia, ao lado dos *scriptorii* monásticos, organizaram-se centros escolares urbanos: as escolas ligadas às catedrais e as universidades. Nestes locais, textos, como os clássicos e patrísticos, eram relidos e debatidos, e novas formulações - em Direito, Teologia, Filosofia ou Gramática – surgiam e respondiam às exigências sociais do momento. Como apontam Verger, Francisco Rico e Aguadé Nieto, configurou-se um

¹⁴ MUÑOZ FERNANDEZ, Angela. **Mujer y experiencia religiosa en el marco de la santidad medieval**. Madrid: Asociación Cultural Al-Mudayna, 1988, p. 19.

¹⁵ Sobre o tema, ver nosso artigo SILVA, Andréia Cristina Lopes Frazão da. Os concílios lateranenses e a vida religiosa feminina: reflexões sobre as normativas papais direcionadas às monjas nos séculos XII e XIII. In: **XIII Encontro Regional de História ANPUH-RJ**, 2008, Anais do XIII Encontro Regional de história da ANPUH-RJ, Rio de Janeiro, 2008 (Anais Eletrônicos). Disponível em: <http://www.encontro2008.rj.anpuh.org/resources/content/anais/1212952596_ARQUIVO_Anpuhregional_2008_AndreiaCLFrazaodaSilva_FINAL.pdf>. Acesso em: 09 Jul. 2015.

¹⁶ CASAGRANDE, Carla. La mujer custodiada. In: DUBY, Georges; PERROT, Michelle. (Orgs.). **Historia de las mujeres en Occidente**. Madrid: Taurus, 1992, p. 111. (V. 2: La edad Media. Las normas del control)

¹⁷ Ibid., p. 111;113.

¹⁸ MARTIN, Hervé. **Mentalités Médiévales: XI – XV siècle**. Paris: Presses Universitaires de France, 1996, p. 407.

novo letrado, que tinha como objetivo obter e difundir conhecimentos, ao mesmo tempo em que ansiava pela fama e pelo dinheiro.¹⁹ Muitos dentre os novos intelectuais eram clérigos seculares que, diferentemente dos monges, não se isolavam: estudavam, ensinavam e trabalhavam no *saeculum*. Também possuíam uma relação diversa com os livros, uma vez que não se preocupavam somente em preservá-los, mas os traduziam e comentavam.

Além dessas transformações que afetaram, de forma mais geral, o Ocidente medieval, a historiografia também destaca particulares regionais. Assim, no caso específico da Península Ibérica, o período foi marcado pela estruturação dos reinos cristãos e sua expansão em direção às áreas ocupadas pelos muçulmanos, conquistando-as e ocupando-as, ainda que com alguns revezes. Quanto à Península Itálica, foram organizadas diversas comunas em meio aos embates entre o Papado e Sacro Império.²⁰

Mas a opção pelo estudo das penínsulas ibérica e itálica explica-se por quatro fatores principais: a despeito de possuírem características próprias, eram as regiões mais urbanizadas e romanizadas do Ocidente medieval no período; mantiveram constantes contatos de caráter intelectual;²¹ foram centros de recepção de textos provenientes dos mundos bizantino e muçulmano e pontos de confluência entre a Europa Ocidental e as culturas orientais;²² e, tal como aponta Vauchez, foram as áreas nas quais as transformações nas concepções de santidade foram mais perceptíveis.²³

Na Idade Média Central, muitas pessoas foram consideradas dignas de culto. Algumas chegaram, inclusive, a serem reconhecidas oficialmente como santas, por

¹⁹ AGUADÉ NIETO, Santiago. Las universidades y la formación intelectual del clero castellano en la Edad Media. In: _____. (Coord.). **Universidad, cultura y sociedad en la Edad Media**. Alcalá de Henares: Universidad de Alcalá de Henares, 1994. p. 159-206; RICO, Francisco. La clerecía del mester. **Hispanic Review**, Philadelphia, n. 53, p. 127-150, 1985; VERGER, Jacques. **Homens e Saber na Idade Média**. Bauru: EDUSC, 1999.

²⁰ Dentre outros ver: MONGELLI, Lênia Márcia (Org.). **Mudanças e rumos: o Ocidente medieval (séculos XI – XIII)**. Cotia: Íbis, 1997.

²¹ Muitos intelectuais oriundos da Península Itálica atuaram na Península Ibérica, bem como vários hispanos viveram parte de sua vida naquela região. Para só citar alguns exemplos: Gerardo de Cremona, João Hispano, Domingo de Gusmão, Antônio de Pádua. Sobre as relações culturais entre as penínsulas ibérica e itálica na Idade Média ver AGUADÉ NIETO, Santiago. **Libro y cultura italianos en la Corona de Castilla durante la Edad Media**. Alcalá de Henares: Universidad de Alcalá de Henares, 1992.

²² CARDINI, Franco A Itália entre os séculos XI e XIII. In: MONGELLI, Lênia Márcia. (Org.). **Mudanças e rumos: o Ocidente medieval (séculos XI – XIII)**. Cotia: Íbis, 1997, p. 87; 96.

²³ VAUCHEZ, André. O Santo. In: LE GOFF, Jacques. (Dir.). **O homem medieval**. Lisboa: Presença, 1989, p. 218.

diferentes instâncias eclesiásticas. Também foram produzidos textos hagiográficos, seja para propagar santos do próprio período ou que haviam vividos em séculos anteriores. Estas obras foram elaboradas respondendo a motivações diversas, objetivando alcançar públicos variados, tendo como temáticas centrais a biografia, os feitos, a morte, a trasladação ou outro aspecto ligado à vida ou ao culto de uma determinada figura. Como estudos recentes têm apontado, mais do que unicamente objetivar o amparo e a edificação dos fiéis, o culto aos santos e as hagiografias tinham como metas promover mosteiros, sedes episcopais, ordens nascentes, funcionar como fundamentos em disputas diversas, divulgar valores e modelos de comportamento, etc.²⁴

A pesquisa **Hagiografia e História: um estudo comparativo da santidade** visa, portanto, analisar a trajetória de homens e mulheres que foram considerados dignos de veneração e as obras hagiográficas escritas, dialogando com as conclusões da historiografia sobre o quadro geral de transformações dos séculos XI-XIII. A partir de seus eixos centrais, busca-se discutir, dentre outros pontos, os critérios que levaram a Igreja Romana a reconhecer algumas figuras como santos universais; as diferenças no perfil das pessoas que foram reconhecidas oficialmente como santas das que não alcançaram tal dignidade; as características mais constantes e as peculiaridades das pessoas que foram consideradas dignas de culto nas penínsulas ibérica e itálica; a incorporação da visão hegemônica sobre a diferença sexual pelas hagiografias; a relação entre a língua de redação, a temática, a forma literária e o local social e geográfico de produção das hagiografias; o papel das hagiografias no combate aos grupos julgados como hereges; a forma como as hagiografias representam os leigos, etc.

O projeto foi elaborado tendo como meta o trabalho coletivo e o envolvimento de estudantes da Graduação e da Pós-graduação, egressos e colaboradores de outras instituições. Esta opção justifica o recorte temático relativamente amplo, bem como sua longa duração. Desta forma, os membros da equipe vinculam-se à investigação ao desenvolverem pesquisas individuais que aprofundam estudos de questões particulares articuladas a um dos eixos do projeto e/ou participarem de um dos subprojetos. No momento, encontra-se em curso o subprojeto que tem como meta a organização e disponibilização de banco de dados sobre os textos hagiográficos e a trajetória de

²⁴ Como o de PÉREZ-EMBED WAMBA, Javier. **Hagiología y sociedad en la España Medieval: Castilla y León (Siglos XI – XIII)**. Huelva: Universidad de Huelva, 2002; e textos organizados por ESPAÑOL, Francesca; FITE, Francesc. (Ed.). **Hagiografia peninsular en els segles medievals**. Lleida: Universidad de Lleida, 2008.

homens e mulheres que foram considerados dignos de culto, sobre o qual tratarei no próximo item.

Hagiografia e História: um estudo comparado da santidade é uma pesquisa desenvolvida no campo da História Cultural, pois são estudadas as representações, as práticas e as instituições inter-relacionadas ao fenômeno da santidade. Não há uma preocupação em encontrar as “leis” que expliquem a santidade, mas os múltiplos formatos e significados que este fenômeno tomou no decorrer da Idade Média Central para diferentes grupos sociais.

Os dados sobre a trajetória dos que foram considerados santos e os textos hagiográficos são materiais privilegiados para o estudo das formas de elaboração de representações do mundo social e de sua circulação e apreensão no seio da sociedade. Como representações do social, são marcadas pelos interesses de grupos que as elaboram, produzem práticas e criam instituições, que tendem a impor uma autoridade e a legitimá-la, justificando suas escolhas e condutas. Porém, também revelam desvios, resistências, seleções e releituras criativas das normas e dos poderes instituídos.

Neste sentido, a pesquisa, ao lado dos elementos comuns e repetitivos, está atenta às discontinuidades e ao particular. Como a pesquisa integra trabalhos individuais numa reflexão coletiva, é realizado constantemente um diálogo entre a abordagem micro e a perspectiva macro, empregando para tanto as informações levantadas para a montagem dos bancos de dados.

A pesquisa também se caracteriza por ser um trabalho comparativo. Várias modalidades de comparação têm sido utilizadas nos diferentes projetos individuais que integram o coletivo, como será discutido no decorrer do texto. Aqui, entretanto, destaco o uso da comparação clássica como eixo da pesquisa coletiva, pois são estudadas sociedades contemporâneas e vizinhas. Ou seja, tomando como parâmetro de comparação a produção hagiográfica e a trajetória das pessoas que foram consideradas dignas de receber culto, compara-se o fenômeno da santidade presente nas penínsulas ibérica e italiana no período que vai do século XI ao XIII.

O BANCO DE DADOS DA HAGIOGRAFIA IBÉRICA (XI AO XIII)

Quando a pesquisa foi iniciada, detectou-se que não existiam inventários completos sobre as obras hagiográficas produzidas nas penínsulas ibérica e itálica entre os séculos XI ao XIII, nem um levantamento de informações sobre homens e mulheres que nasceram e/ ou atuaram em tais regiões e que receberam algum tipo de culto, ainda que efêmero. Foi então considerada uma etapa fundamental no desenvolvimento da pesquisa reunir materiais relacionados ao fenômeno da santidade até então dispersos. Com este esforço, objetiva-se a construção de uma visão de conjunto, ainda que parcial, sobre o fenômeno da santidade no recorte espacial e temporal realizado. Além disso, os inventários poderiam ser explorados em projetos individuais dos membros da equipe, em estudos micro analíticos ou comparativos, e ser de interesse não só para o grupo, mas também para outras investigações e em diversas outras áreas do conhecimento. Assim, decidiu-se levantar informações e montar quatro bancos de dados: dois sobre a trajetória das pessoas que receberam cultos e dois sobre os textos hagiográficos, separando, portanto, os dados referentes às penínsulas ibérica e itálica.

Bolsistas de iniciação científica e voluntários trabalham diretamente na montagem de bancos de dados, mas também desenvolvem, como todos os outros membros da equipe, pesquisas individuais. Primeiramente, foram elaboradas fichas para o registro dos dados, que no decorrer da pesquisa têm sido ajustadas em função das informações encontradas e das próprias demandas das pesquisas individuais dos membros da equipe. Em um segundo momento, é realizada a pesquisa dos dados em textos medievais, dicionários especializados, artigos acadêmicos, obras produzidas por grupos eclesiásticos, etc. Após esta etapa, as informações levantadas são confrontadas e incluídas nas fichas, que são alvo de revisão periódica. Os principais problemas encontrados neste trabalho são a desigual disponibilidade de dados referentes às hagiografias e à trajetória dos que receberam algum culto e as discrepâncias entre algumas das informações presentes nas diversas fontes de consulta.

Dois bancos de dados já foram finalizados e disponibilizados: “Banco de Dados das hagiografias ibéricas (séculos XI ao XIII)”, publicado em 2009, e o “Banco de Dados dos santos ibéricos (séculos XI ao XIII)”, em 2012, e encontram-se

disponíveis online.²⁵ Neste artigo vou apresentar unicamente o primeiro banco de dados publicado, a fim de relacioná-lo à terceira parte deste texto. Nele, além de informações sobre 136 obras, foram adicionados um glossário; uma bibliografia; uma tabulação dos dados, e uma reflexão de conjunto sobre a hagiografia ibérica elaborada na Idade Média Central.

Para a seleção das hagiografias que compõem o banco de dados foram seguidos alguns critérios: textos compostos, traduzidos ou que sofreram alguma adaptação ou interpolação significativa, produzidos entre os séculos XI ao XIII, na Península Ibérica ou por autores nascidos nesta região²⁶ e sobre as quais foram encontradas referências a manuscritos e/ou edições impressas que as transmitiram. Também figuram no inventário textos que, apesar de não serem classificados estritamente como hagiografias, possuem temática religiosa, caráter biográfico ou, em alguns casos, seus protagonistas foram alvo de um culto, ainda que por curto período.

Com o objetivo de construir um quadro de referência sobre as hagiografias elaboradas nos séculos XI ao XIII na Península Ibérica, os dados encontrados foram tabulados. Dentre outros itens, destacou-se o século de redação das obras; a língua de composição, pois, a partir do século XII, algumas hagiografias foram escritas ou traduzidas para as línguas vernáculas; a forma estilística, ou seja, se foram redigidas em prosa ou verso; e as temáticas centrais, que foi considerado um aspecto mais preciso do que o gênero literário, porque entre os textos inventariados há materiais diversos: sermões, atas de transladação, calendários, vidas, inquérito, hinos, etc.

Também foram quantificadas as informações sobre os autores identificados. Das 136 hagiografias que compõem o banco de dados, só 68 possuem autoria conhecida. Há que destacar que a questão da autoria no medievo é complexa. Assim, considerou-se como autor o redator, o coordenador, o compilador e/ou o patrocinador de uma dada obra. Deste conjunto, foram contabilizadas as informações relacionadas ao

²⁵ Optou-se pela publicação online para facilitar a consulta de todos os interessados, bem como porque nosso objetivo é fazer revisões periódicas, incorporando contribuições dos leitores. O volume I: SILVA, Andréia Cristina Lopes Frazão. (Coord.). **Banco de Dados das hagiografias ibéricas (Séculos XI ao XIII)**. Rio de Janeiro: Pem, 2009. (V.1: Hagiografia e História). Disponível em: <www.pem.historia.ufrj.br/arquivo/hagiografiaehistoria_v1.pdf>. Acesso em: 12 Mar. 2014; e o volume II: _____. (Coord.). **Banco de Dados dos santos ibéricos (Séculos XI ao XIII)**. Rio de Janeiro: Pem, 2012. Disponível em: <www.pem.historia.ufrj.br/arquivo/hagiografiaehistoria_v2.pdf>. Acesso em: 12 Mar. 2014.

²⁶ Se ao menos um autor levantou a hipótese de que a obra foi redigida neste período, foi incluída no Banco de Dados. Este é o caso, por exemplo, da **Vida de San Ildefonso**.

sexo e ao estado de vida, ou seja, se foram clérigos, religiosos, religiosos que em algum momento de sua vida foram ordenados, ou leigos e quantificados o número de obras elaboradas por cada autor. Em alguns casos, mesmo sem o conhecimento preciso da autoria, foi possível identificar o local social de redação da obra, ou seja, o ambiente religioso e/ou escolar no qual o texto foi produzido, assim como o local geográfico,²⁷ que também foram tabulados.

Cada hagiografia presente no banco de dados, salvo em alguns poucos casos, dedica-se a tratar de uma figura que foi considerada digna de veneração. Assim, também foram quantificados aspectos da trajetória destes protagonistas como, por exemplo, o período em que viveram.

É fundamental salientar que os dados reunidos e tabulados não são considerados como um retrato fiel e completo do conjunto da produção hagiográfica ibérica na Idade Média Central. Muitos textos compostos neste período se perderam; ainda há debates sobre diversos aspectos das obras reunidas, e muito do que se afirma hoje sobre tais materiais ainda se encontra no campo das hipóteses. Assim, os dados inventariados e quantificados são tomados como uma amostragem referencial.

A partir dos resultados encontrados, foram traçadas algumas considerações gerais iniciais e levantados alguns questionamentos. Metade das hagiografias inventariadas foi composta a partir do final do século XII e, sobretudo, no decorrer do XIII. Este dado aponta para um incremento da literatura hagiográfica relacionada ao surgimento de escolas urbanas, maior riqueza circulante, organização da Igreja sob a direção de Roma, surgimento e expansão das ordens mendicantes e da consolidação das línguas românicas, aspectos já sublinhados ao longo do texto.

Em contrapartida, verificou-se que 104 das 136 obras que compõem o banco de dados foram produzidas em latim e que foi feito o uso predominante da prosa (101 unicamente em prosa e sete combinando prosa e verso), o que permite concluir que os conhecedores do latim, ou seja, os clérigos, religiosos e leigos letrados mantiveram-se como público alvo direto preferencial no período. É provável que muitas destas obras tenham sido retransmitidas a um conjunto maior da população como, por exemplo, em pregações públicas. Além disso, há que ressaltar que ler, compreender e escrever em uma dada língua são habilidades distintas. Desta forma, é possível supor que mesmo

²⁷ Devido às múltiplas transformações geopolíticas na Península Ibérica nos séculos XI ao XIII, optou-se por denominar as regiões seguindo a organização política do século XIII.

aqueles que não eram profundos conhecedores do latim poderiam ter tido acesso às hagiografias produzidas neste idioma, ainda que indiretamente, como em leituras coletivas, e terem compreendido, ainda que parcialmente, tais materiais.

Outro aspecto a sublinhar são as temáticas mais constantes: vidas de santos e traslados de relíquias, em sua maioria, de mártires. É possível relacionar a opção frequente por estes assuntos à preocupação por fortalecer a autoridade de um mosteiro ou bispado mediante a vinculação à memória e propagação do culto de um dado personagem.

É importante destacar que os santos anteriores ao século X, face aos venerados contemporâneos à produção das hagiografias inventariadas, inspiraram o maior número de obras. Este dado pode explicar-se devido à necessidade de manter vivas as tradições da Igreja antiga e visigoda na Igreja hispana durante a Idade Média Central, momento em que em função do avanço da chamada “Reconquista” e constantes mudanças nas fronteiras entre os reinos, as dioceses se reestruturavam e buscavam legitimidade ao vincular suas origens ao período anterior ao estabelecimento dos muçulmanos face às disputas com outras dioceses e comunidades religiosas.

Quanto à autoria, dois dados são dignos de nota. Em primeiro lugar, dentre os poucos autores conhecidos, todos são homens. Ainda que algumas mulheres possam ter redigido ou auxiliado na produção de hagiografias, seus nomes não foram preservados. Em segundo, somente dois autores dentre os identificados eram leigos, apesar da expansão das cidades, com suas variadas atividades econômicas - nas quais os leigos eram protagonistas-, e do desenvolvimento da religiosidade leiga. Assim, a grande maioria dos autores pertencia aos círculos eclesiásticos, tanto seculares como religiosos, o que aponta para uma hegemonia dos diversos setores da Igreja na produção de material de caráter hagiográfico e de seus variados usos propagandísticos – promoção de mosteiros ou episcopados, atraindo doações e peregrinos; divulgação de valores e modelos de comportamento, tanto para eclesiásticos como para leigos; combate às ideias consideradas heterodoxas, e etc.

A tabulação também permite perceber que os episcopados e os mosteiros foram os centros de produção hagiográfica mais profícuos. As novas ordens e as escolas urbanas, surgidas a partir do século XII, não chegaram a se sobrepor a tais centros, tomando por base todo o período. Esta produção hagiográfica episcopal e monástica manteve-se, provavelmente, como uma tentativa de resistir às transformações no campo

escolar e da espiritualidade ou porque estes centros possuíam bibliotecas e *scriptoriae* organizadas.

Vale sublinhar que, em alguns casos, as obras foram elaboradas por autores que participaram de mais de um ambiente social. Alguns tiveram inserção eclesiástica diversa, como clérigos e/ou religiosos, ou ocuparam cargos na hierarquia, como cardeais ou membros de um cabido. Também há um caso em que um clérigo paroquial foi contratado para escrever sobre santos vinculados à vida monástica.

Por fim, destaca-se que o reino Castelhana-leonês apresenta-se como o espaço geopolítico de maior produção hagiográfica, provavelmente devido a sua grande extensão. Também é importante realçar que em função da circulação de pessoas no período, algumas das obras hagiográficas que figuram no banco de dados foram produzidas por hispanos, mas que viveram e escreveram fora da península.

ALGUMAS PROPOSTAS DE ESTUDOS COMPARADOS A PARTIR DO BANCO DE DADOS DA HAGIOGRAFIA IBÉRICA

Os dados reunidos no banco de dados das hagiografias ibéricas ainda não foram exaustivamente analisados e suscitam muitas possibilidades de pesquisa, sobretudo no campo da História Comparada.

Segundo Maier, a História Comparada, como um sistema específico de conhecimento, consolidou-se desde meados do século XX.²⁸ Em um primeiro momento, a perspectiva comparada, que é denominada atualmente como clássica, privilegiou o estudo de sociedades próximas e contemporâneas, contudo, sobretudo a partir da década de 1970, foram exploradas novas possibilidades, tais como a comparação de fenômenos, a comparação em diacronia, a história cruzada e a história das transferências.²⁹ Também

²⁸ MAIER, Charles. La historia comparada. **Studia historica – Historia contemporânea**, Salamanca, n. 10-11, p. 11, 1992-1993.

²⁹ Sobre o tema ver, dentre outros: HALPERIN, Charles J.; et al. Comparative History in Theory and Practice: A Discussion. **American Historical Review**, Bloomington, v. 87, n. 1, p. 123-143, 1982; KOCKA, Jürgen. Comparison and beyond. **History and theory**, Middletown, v. 42, n. 1, p. 39-44, 2003; LORENZ, Chris. Comparative historiography: problems and perspectives. **History and Theory**, Middletown, v. 38, n. 1, p. 25-39, 1999; OLÁBARRI GORTÁZAR, Ignacio. ¿Qué historia comparada? **Studia historica – Historia contemporânea**, Salamanca, n. 10-11, p. 33-76, 1992-1993; SLATTA, Richard W. The Whys and Wherefores of Comparative Frontier History. **Journal of the West**, Kettering, v. 42, n. 1, p. 8-13, 2003; ESPAGNE, Michel; WERNER, Michael. (Dir.). **Transferts – Les relations interculturelles dans l'espace franco-allemand (XVIIIe-XIXe siècle)**. Paris: Recherches sur les civilisations, 1988; VEYNE, Paul. **O Inventário das Diferenças**. São Paulo: Brasiliense, 1983; e WERNER, Michael; ZIMMERMANN, Bénédicte. Beyond Comparison:

tem sido propostas comparações interdisciplinares, na qual o mesmo objeto é abordado a partir de diferentes campos do conhecimento.³⁰ Deslocada do campo teórico para o metodológico, a história comparada, hoje, caracteriza-se pelo uso sistemático da comparação, que pode ser combinada a diferentes conceitos teóricos.

Neste trabalho não apresento reflexões aprofundadas sobre as diferentes modalidades de História Comparada, mas propostas de estudos, como já sublinhado, a partir do uso do banco de dados da hagiografia ibérica (séculos XI ao XIII) e de minha experiência coordenando a pesquisa coletiva.

Início com a comparação clássica. Como o banco de dados reúne escritos elaborados nas diferentes regiões da península ibérica na Idade Média Central, uma alternativa é selecionar, analisar e comparar, à luz do quadro mais geral vivido pelos reinos hispano cristãos, as hagiografias produzidas em um mesmo recorte temporal. Por exemplo, comparar as hagiografias escritas em Castela-leão com as elaboradas em Aragão no século XIII. Outra possibilidade é comparar as hagiografias compostas em um mesmo ambiente social – como mosteiros, sedes episcopais ou conventos mendicantes – e no mesmo século, mas elaboradas em reinos diferentes, ainda que próximos, como Navarra e Aragão. Ou ainda, quebrando com as barreiras políticas, estratégia tão cara aos primeiros propagadores da História Comparada, como Pirenne e Bloch, comparar hagiografias compostas em dioceses ou arcebispados distintos, pois a divisão eclesiástica não coincidia com a política na região no período estudado, o que pode permitir outros pontos de vista para a reflexão.

Esta comparação também pode ser feita a partir de indagações sobre um fenômeno social específico. Como exemplo, destaco a pesquisa delineada por André Luiz Caruso Cruz Júnior, que participou da equipe do projeto coletivo como bolsista IC Balcão: analisar a relação entre hagiografia e heresia em dois reinos hispanos no século XIII. Os reinos escolhidos foram Portugal, sobre o qual não são encontrados testemunhos de presença de grupos considerados heréticos, e Aragão, no qual a presença de valdenses e cátaros é constatada por vários documentos. Assim, as hagiografias podem ser comparadas à luz da variável heresia, discutindo se, nas áreas

“Histoire croisée” and the Challenge of Reflexivity. **History and Theory**, Middletown, v. 45, n. 1, p. 30-33, 2006.

³⁰ THEML, Neyde; BUSTAMANTE, Regina Maria da Cunha, História Comparada: olhares plurais. **Phoînix**, Rio de Janeiro, n. 10, p. 9-30, 2004.

onde há referências à heresia, as hagiografias possuem características peculiares face às produzidas em ambientes sem notícias de grupos heréticos.

Mas o banco de dados da hagiografia ibérica (séculos XI ao XIII) também pode ser ponto de partida de pesquisas adotando outras modalidades de comparação. Uma das mais frutíferas é a comparação de fenômenos, tal como proposta por Kocka: “discutir dois ou mais fenômenos históricos sistematicamente a respeito de suas singularidades e diferenças de modo a se alcançar determinados objetivos intelectuais”.³¹ Desta forma, o cerne da questão não está em comparar sociedades contemporâneas e próximas, mas fenômenos, que, como defendo, podem processar-se em uma única sociedade. O leque de possibilidades comparativas, portanto, se amplia enormemente, pois podem ser considerados fenômenos históricos variadas manifestações sociais.

Neste sentido, dialogando com os estudos de literatura comparada, podemos compreender as produções literárias como fenômenos. Um exemplo de pesquisa comparada nesta perspectiva seria a contraposição de textos diversos - como romances de cavalaria, sermões, códigos legislativos, etc. - compostos no mesmo momento, por grupos sociais distintos, com motivações e público alvo variados, com hagiografias. O uso desta modalidade de comparação pode limitar-se ao estudo das representações ou buscar articulações com práticas e organizações sociais. Também podem ser realizados trabalhos de comparação de caráter mais geral ou a partir de comparáveis previamente definidas, como a juventude, a vida religiosa, a realeza, o trabalho, a sexualidade, etc.

Sublinho, aqui, como exemplos desta proposta de comparação, as pesquisas de mestrado, já finalizadas, de autoria de Juliana Bomfim e de Isabel Cristina Alves Martins, também vinculadas ao projeto coletivo. No trabalho de Bomfim, o núcleo inicial de redação de uma hagiografia, composto em fins do século XI, a *Vita Dominici Siliensis*,³² na região de Burgos, reino castelhano-leonês, é comparada com os cânones conciliares de Coyanza, assembleia eclesiástica considerada pela historiografia como

³¹ No original: “[...] to discuss two or more historical phenomena systematically with respect to their similarities and differences in order to reach certain intellectual aims”. KOCKA, Jürgen. Comparison and beyond. **History and theory**, Middletown, v. 42, n. 1, p. 39, 2003. O texto transcrito em português é da tradução realizada por Maria Elisa da Cunha Bustamante.

³² Segundo o editor da obra, a *Vita Dominici Siliensis* foi composta em etapas nos séculos XI e XII. Cf. VALCARCEL, Vitalino. (Ed.) **La Vita Dominici Siliensis de Grimaldo**. Logroño: Instituto de Estudios Riojanos, 1982. p. 29-40.

um marco na reestruturação da igreja hispana no século XI.³³ A comparação teve como objetivo central discutir como tais documentos articulam a relação alma, corpo e pecado, tendo em vista as normativas eclesiais para os diferentes estados de vida da população – clérigos, leigos e religiosos.

Martins analisou o texto hagiográfico elaborado sobre a rainha Santa Isabel de Portugal, logo após a sua morte, comparando-o com os escritos feitos por ela ou por seu mandado, como testamentos, declarações e cartas. O objetivo principal do trabalho foi debater como os diferentes textos constituíram distintas subjetividades para Isabel. Enquanto na hagiografia ela é caracterizada como uma mulher ideal, repleta de virtudes, que deveria ser imitada, sobretudo, pelas casadas, nos escritos da chancelaria real encontra-se uma personagem que participou das questões políticas e até financeiras do reino, empregou diferentes estratégias para gerir os seus bens e não desvinculou a sua autoridade de sua fé religiosa. Ainda que divergentes em diversos aspectos, os textos são unânimes ao realçar os papéis de mãe, esposa, irmã, e devota -tradicionalmente relacionados às mulheres - desempenhados pela Rainha Santa.

Indo além da comparação entre textos, destaco a pesquisa doutoral de Guilherme Antunes Júnior, em andamento. O autor compara, para compreender como os saberes de gênero afetaram as construções sobre a maternidade no Reino Castelhanoleonês no século XIII, os textos e as imagens presentes em um dos manuscritos medievais das **Cantigas de Santa Maria**, elaboradas na corte do rei Afonso X.

Também é possível mesclar modalidades de comparação. De 2001 a 2006 desenvolvi uma pesquisa seguindo as diretrizes da comparação clássica, mas também com influências da literatura comparada e da comparação de fenômenos.³⁴ Desta forma, analisei de forma comparativa a produção de dois hagiógrafos contemporâneos, Gonzalo de Berceo, castelhano-leonês, e Tomás de Celano, natural de Abruzos, área do Reino de Sicília que, posteriormente, passou a integrar a órbita política do Sacro Império Romano Germânico. Estes autores compuseram diversas hagiografias, mas

³³ Ver, por exemplo, o verbete MARTÍNEZ, Diéz Gonzalo. Coyanza, 1055. In: ALDEA VAQUERO, Quintín; MARIN MARTINEZ, Tomás; VIVES GATELL, José. **Diccionario de Historia Ecclesiastica de España**. Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas, 1973. p. 543-544. V. 2. Sobre este concílio, trabalhei de forma mais detalhada no artigo: SILVA, Andréia Cristina Lopes Frazão da. Normatização e relações de poder nas atas do Concílio de Coyanza. **Anos 90**, Porto Alegre, v. 20, p. 103-126, 2013.

³⁴ A pesquisa intitulava-se Santidade e Gênero na Hagiografia Mediterrânica no século XIII: um estudo comparativo e foi financiada por uma bolsa CNPq-PQ.

escolhi duas escritas por cada um, seguindo como critério principal o fato de narrarem a trajetória de santos contemporâneos, mas de sexos distintos. Assim, foram analisadas a Vida de Santa Oria e a Vida de Santo Domingo, santos ibéricos do século XI, de autoria berceana, e a Vida 1 de Francisco e a Legenda de Santa Clara, santos italianos do século XIII, compostas por Tomás. Partindo da categoria gênero e tendo como objetos as representações sobre o corpo, a formação escolar, as práticas religiosas, as atitudes e comportamentos, os milagres, e os relacionamentos estabelecidos pelos santos com diversos grupos sociais e com o espaço nas obras, foram feitas múltiplas comparações, contrastando as representações dos santos e das santas elaboradas por um mesmo autor ou por ambos, seja contrapondo duas obras ou quatro.

Outra modalidade de trabalho comparativo é a que busca estudar fenômenos em diacronia. Ou seja, esta proposta metodológica compara duas ou mais fases do desenrolar do mesmo processo histórico, sem considera-las em perspectiva evolutiva, mas buscando detectar o que há de singular e de constante nas fases. Um exemplo de estudo de fenômenos em diacronia é a comparação de textos hagiográficos produzidos no mesmo lugar social, mas em séculos distintos. Um exemplo desta última modalidade de comparação é a pesquisa individual que desenvolvi de 2010 a 2013, cujas linhas gerais apresento a seguir. Vale destacar que, além da comparação em diacronia, contrapus a análise da hagiografia a de textos de diferentes naturezas, como em investigações acima apresentada.

O projeto, intitulado **Monacato, poder e gênero: reflexões sobre o cenóbio de San Millán de la Cogolla em perspectiva diacrônica (1076-1109/ 1227-1265)**, comparou e discutiu como se constituíram e operaram, nas diversas relações sociais e de poder estabelecidas pela comunidade monástica de San Millán de la Cogolla, as construções de gênero. O primeiro período estudado, de 1076 a 1109, caracterizou-se, segundo a historiografia,³⁵ pelo grande crescimento do mosteiro emilianense; pela disputa, por pamploneses e castelhano-leoneses, para a ocupação do espaço riojano, onde se encontrava localizado este cenóbio; pelas primeiras tentativas de introdução de reordenamento eclesiástico, tanto por iniciativa dos reis hispanos quanto pelo papado. O

³⁵ VARASCHIN, Alain. San Millán de la Cogolla: le temps du monastère ou l'imaginaire de Gonzalo de Berceo. *Cahiers de Civilisation Médiévale*, Poitiers, n. 24, p. 260, 1981; GARCÍA DE CORTÁZAR, José Angel. *El dominio del monasterio de San Millán de la Cogolla (siglos X al XIII)*: Introducción a la historia rural de Castilla altomedieval. Salamanca: Ediciones Universidad de Salamanca, 1969. p. 177-192; e SANZ SANCHO, Iluminado. Notas sobre la política religiosa en tiempos del rey Fernando I de León y Castilla. *Cuadernos de Historia Medieval*, Madrid, n. 1, p. 73-109, 1998.

segundo, de 1227 a 1265, para a historiografia,³⁶ marcou o início da desagregação do cenóbio, em contrapartida, foi o da consolidação da presença castelhana-leonesa em La Rioja e do fortalecimento do poder episcopal em Calahorra, seguindo as diretrizes romanas.

Para tanto, analisei e comparei textos hagiográficos, normativos e notariais. Dentre outras questões, busquei discutir, a partir da análise dos textos hagiográficos selecionados, quais padrões de espiritualidade e de gênero foram divulgados; que funções, além do caráter propagador da memória dos santos, de seu culto, dos valores cristãos e das diretrizes da Igreja, tanto castelhana-leonesa quanto Romana, tais obras possuem; como as relações sociais e os embates de poder estabelecidos pelos monges emilianenses são retratados em tais textos e de que forma se articulam ao gênero; como as normas eclesiásticas e reais sobre a vida religiosa e os ensinamentos presentes em tais hagiografias articularam os saberes de gênero e operaram nos conflitos de poder e nas relações sociais cotidianas perpetuados nos documentos notariais e que diferenças caracterizam as construções de gênero e as relações sociais e de poder estabelecidas com e pela comunidade de San Millán de la Cogolla, presentes nos diversos materiais analisados nos períodos de 1076 a 1109 e 1227 a 1265.

As hagiografias também podem ser analisadas na perspectiva da História Cruzada, que busca estudar as divergências e as convergências culturais face às mesmas influências sofridas por grupos diversos em uma dada região. Esta modalidade de História Comparada busca realçar a dinâmica das conexões culturais em uma mesma região e contexto histórico. Enfocadas sob esta perspectiva, é possível analisar se as hagiografias elaboradas nos vários reinos ibéricos sobre um mesmo santo apresentam diferenças ou discutir como materiais hagiográficos de ampla circulação no Ocidente ganharam uma versão própria nos reinos ibéricos.

A dissertação de mestrado elaborada por Thalles Braga Rezende Lins da Silva, outro membro da equipe, é um interessante exemplo de estudo hagiográfico na modalidade da história cruzada. Sua preocupação central foi comparar textos mariológicos que foram redigidos por dois autores castelhano-leoneses que viveram no

³⁶ Cf. GARCÍA TURZA, Francisco Javier. San Millán de la Cogolla en los umbrales de la crisis: 1200-1300. In: GIL-DÍEZ USANDIZAGA, Ignacio. (Coord.). **Actas da Jornadas de arte y patrimonio regional** [v. 6, San Millán de la Cogolla, 1998]. Logroño: Instituto de Estudios Riojanos, 2000, p. 31; e GRANDE QUEJIGO, Francisco Javier. **Hagiografía y difusión en la Vida de San Millán de la Cogolla de Gonzalo de Berceo**. Logroño: Instituto de Estudios Riojanos, 2000. p. 249-251.

século XIII: Gonzalo de Berceo, clérigo paroquial, e Juan Gil de Zamora, franciscano. Ainda que tais autores tenham compilado textos a partir da mesma tradição – muitos episódios são narrados por ambos os autores – e tenham nascido e vivido no mesmo reino, Castelhana-leonês, seus distintos pertencimentos e compromissos sociais influenciaram e diferenciaram a sua recepção e registro das tradições.

Outra modalidade de história comparada, muitas vezes confundida com a história cruzada, é a história das transferências, na qual a comparação visa o estudo da transmissão de objetos, pessoas, populações, palavras, ideias, conceitos, normas, etc., entre dois espaços culturais, tais como Estados, nações, grupos étnicos, ambientes linguísticos, instituições religiosas, etc. Dentro desta modalidade de história comparada, podem ser comparadas hagiografias que mantêm uma vinculação direta, ou seja, que foram fonte uma da outra.

Como exemplo de pesquisa dentro desta modalidade, destaco uma das preocupações do projeto **Hagiografia, sociedade e poder: um estudo comparado da produção visigótica e castelhana medieval**, que foi realizado sob nossa coordenação e da professora Leila Rodrigues da Silva e também vinculado ao projeto coletivo: a comparação entre a *Vita Sancti Aemiliani*, escrita em torno de 640, por Bráulio, bispo de Zaragoza, no âmbito do reino visigodo, e a *Vida de San Millán de la Cogolla*, redigida pelo já mencionado clérigo secular Gonzalo de Berceo, por volta de 1230. Das 489 estrofes da obra, 361 tem como fonte principal a *Vita* de Bráulio. Como se deu a transferência das tradições ligadas a São Emiliano, protagonista de ambas as obras, organizadas no século VII, para o texto do século XIII foi uma de nossas preocupações centrais.

Concluiu-se que, mesmo seguindo de perto a narrativa de Bráulio, a obra berceana foi redigida com diferente formato, em castelhana, ampliando os dados narrados e incluindo novos episódios milagrosos do santo. Assim, ao ser transferida, a tradição relacionada a Emiliano sofreu múltiplas mudanças, frutos de uma variedade de elementos que estão vinculados desde aos pertencimentos sociais de seu autor, à motivação para a redação da obra, à conjuntura histórica vivida pelos reinos ibéricos, e às próprias transformações culturais mais globais da Europa Ocidental.

Finalizando, aponto duas modalidades de história comparada que ainda não foram aplicadas no estudo das obras presentes no banco de dados das hagiografias ibéricas (séculos XI ao XIII). A primeira delas é a comparação proposta por Paul Veyne

que, em minha opinião, é uma variação da comparação em diacronia. Para o autor, identificando o que é constante, é possível verificar a variedade, a singularidade e a complexidade dos fenômenos históricos. Assim, a partir da eleição de invariáveis, são comparadas diferentes situações e percebe-se a diversidade das conjunturas históricas. Esta proposição pode ser utilizada no estudo comparativo das hagiografias, tendo como eixo um elemento invariável nas sociedades ibéricas na Idade Média Central como, por exemplo, a maternidade, a morte, o corpo, a guerra, dentre outras. A segunda é a comparação interdisciplinar, ou seja, aquela que busca abordar a hagiografia a partir de múltiplos saberes, como a literatura, a linguística, a antropologia, a teologia, a filosofia, etc. Este tipo de comparação pode ser mais desenvolvido em trabalhos coletivos, com equipes formadas por especialistas em diferentes campos do saber.

Como foi sublinhado, as modalidades metodológicas no campo da comparação são muitas e podem ser combinadas entre si de diferentes formas, em harmonia com os pressupostos teóricos eleitos. Podem ser comparados: aspectos de sociedades vizinhas e contemporâneas ou distantes no tempo e espaço; fenômenos diversos da mesma sociedade, contemporâneos ou não; um mesmo fenômeno em diacronia; fenômenos que foram influenciados ou influenciaram outros, e distintos conhecimentos sobre o mesmo fenômeno.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por muito tempo a hagiografia foi abordada a partir de questões positivas, como a constatação da existência histórica de um santo ou a datação e autoria exatas de dado documento. Depois, foi relegada ao segundo plano, considerada como um texto de caráter unicamente religioso, repleto de *topoi* e sem o compromisso de registrar aspectos do contexto histórico de sua produção. Só nas últimas décadas a hagiografia foi retomada como fonte histórica e objeto de análise relevante para o estudo do passado. Hoje é consenso que, a partir do estudo dos textos hagiográficos, é possível desenvolver diversas investigações, focando variados aspectos da organização social, tais como as disputas de poder entre leigos, clérigos e religiosos; os discursos de gênero; os modelos de comportamento idealizados pela liderança eclesiástica para os diferentes grupos sociais; os conflitos entre a religião instituída e as diferentes manifestações da religiosidade; o cotidiano das populações, dentre outros temas.

Neste texto busquei partilhar uma experiência coletiva de pesquisa, que tem como tema central a hagiografia em seu sentido *lato*: como um conjunto de textos e um campo de estudo. Também apresentei um de seus resultados: o banco de dados das hagiografias ibéricas (séculos XI ao XIII). Este material, instrumento imprescindível para as reflexões do grupo, pois funciona como um quadro de referência da produção hagiográfica do período, está disponível *on line* para ser consultado por outros pesquisadores interessados no tema. Mesmo que já tenha sido alvo de reflexões iniciais, muitas outras análises de conjunto e estudos sobre obras específicas podem ser feitos a partir dos dados inventariados.

Por fim, partindo do banco de dados já disponibilizado e das experiências de investigação do projeto **Hagiografia e História: um estudo comparativo da santidade**, apresentei exemplos de trabalhos empregando diversas modalidades de história comparada.

Espero que este exercício de reflexão sirva de inspiração não só para o desenvolvimento de estudos hagiográficos, mas também da aplicação da comparação como metodologia. Como destaca Kocka, a comparação possui potencialidades heurísticas, descritivas, analíticas e paradigmáticas.³⁷ Ou seja, permite identificar aspectos que poderiam passar despercebidos; apreender particularidades; perceber a relação entre fenômenos e suscitar o estranhamento.

ARTIGO RECEBIDO EM 14/03/14. PARECER DADO EM 26/09/14

³⁷ KOCKA, Jürgen. Comparison and beyond. **History and theory**, Middletown, v. 42, n.1, p. 39, 2003.